

Gustavo Barroso, Diplomata

Manoel Albano Amora

Diplomacia é o manejo das relações internacionais mediante a negociação; o método mercê do qual se ajustam e processam essas relações por meio de embaixadores e enviados; o ofício ou arte do diplomata. É o que diz o Dicionário inglês de Oxford.¹

A definição é precisa e abrange o todo, isto é, a diplomacia sob os seus diversos aspectos.

A diplomacia de caráter permanente surgiu no século XVI, nos Estados italianos.

No século XVI os diplomatas foram tidos como anjos que serviam de mensageiros entre o céu e a terra.² Mas, o seu sentido temporal cedo se afirmaria, sem prejuízo a esse pensamento puramente emotivo.

Atualmente, no Brasil, os titulares da diplomacia são os de carreira, a famosa *carrière*, e os de escolha do governo da União.

As missões diplomáticas podem ser *ordinárias*, quando têm caráter permanente, ou *extraordinárias*, quando se destinam ao desempenho de um encargo especial, conforme assinala Rubens Ferreira de Melo.³

Os diplomatas de carreira pertencem a um quadro de várias graduações, que tem como posto máximo o de Embaixador.

1 Nicolson, H. — *La Diplomacia*, 4.^a ed., Breviarios del Fondo de Cultura Economica, Mexico, p. 14.

2 *Idem, idem*, p. 15.

3 Melo, Rubens Ferreira de — *Dicionário de Direito Internacional*, Rio de Janeiro, 1962.

O diplomata ideal, no dizer de H. Nicolson, deve possuir sete virtudes: veracidade, precisão, calma, bom caráter, paciência, modéstia, lealdade. Porque, acrescenta, a base de uma boa negociação é a influência moral.⁴

Símbolos do valor como diplomatas, no mundo, são as figuras de Tayllerand e Matternich.

Diplomatas do maior destaque, na história do Brasil, foram Alexandre de Gusmão, embora a serviço de Portugal, o Barão de Penedo e o Barão do Rio Branco.

Cearenses que se notabilizaram nessa profissão, devem ser referidos Silvino Gurgel do Amaral, biógrafo de Grotius, Amaral Valente, Hildebrando Accioly, diplomata perfeito e internacionalista excelso, e Dário de Castro Alves, ora em elevada posição.

Um brasileiro que não integrou a carreira mas serviu à diplomacia foi o notável cearense Gustavo Barroso, escritor muito dedicado às letras históricas.

Em Gustavo Barroso suscitam admiração o seu vulto imponente, a sua varonilidade, inteligência, cultura e méritos literários. Era um príncipe, de fato, não de linhagem. Os seus atributos físicos, morais e intelectuais como que o credenciavam a também figurar na história diplomática, embora como enviado especial e em funções afins e ainda como autor de livros concernentes a causas diplomáticas. Não lhe faltavam as qualidades apontadas por Nicolson e lhe sobravam outras, úteis aos encargos específicos que lhe foram confiados, como brilho intelectual, simpatia e cavalheirismo.

No curso da sua vida, segundo se lê em *Gustavo Barroso / Biobibliografia*,⁵ elaborada afetuosa e primorosamente pela Professora Nair de Moraes Carvalho, antiga Secretária do Museu Histórico Nacional, desempenhou várias comissões diplomáticas temporárias, entre as quais de Adido à Conferência da Paz (1919), Secretário Geral da Junta Americana de Jurisconsultos (1927), Representante do Brasil nas comemorações dos Centenários de Portugal (1940), Representante do Brasil no Congresso Ibero-Americano de Berlim (1940), Representante do Brasil à Assembléia Cervantina em Madrid (1947), Embaixador do Brasil em Missão Especial nas solenidades de posse do Presidente eleito da República Oriental do Uruguai (1951), Delegado do Brasil à X

4 Nicolson, H. — Op. cit., ps. 82-89.

5 Carvalho, Nair de Moraes — Op. cit., ps. 6 e segs.

Conferência Interamericana de Caracas (1954), Embaixador do Brasil em Missão Especial nas solenidades de posse do Presidente do Peru (1956), Membro da Comitiva do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, na sua visita oficial ao Chile (1957).

A pena de ouro do eminente conterrâneo são devidos os testemunhos de uma profícua atuação a bem dos interesses pátrios, no plano internacional.

A Paz de Versalhes, celebrada em 1919, entre os Estados Unidos da América, Império Britânico, França, Itália e Japão e as Potências aliadas e associadas, dum lado e do outro, a Alemanha, animou Gustavo Barroso a traduzir do francês para o português o que fôra acordado na memorável Conferência. Surgiu, assim, o seu *Tratado de Paz*, publicado naquele ano pela editora Leite Ribeiro & Maurílio. É um trabalho minucioso e fiel ao texto que se encontra depositado nos arquivos do governo da República Francesa. Reproduz cláusulas referentes ao Pacto da Sociedade das Nações, Fronteiras da Alemanha, Cláusulas Políticas Europeias, Direitos e interesses alemães fora da Alemanha, Cláusulas militares, navais e aéreas, Prisioneiros de guerra e sepulturas, Reparações, Cláusulas financeiras, Cláusulas econômicas, Navegação Aérea, Portos: vias marítimas, fluviais e vias férreas, Trabalho, Garantias de execução, Cláusulas diversas.

Não satisfeito com essa contribuição inestimável, a ser apreciada no futuro, para avaliação dos fatos pretéritos, publicou *O Ramo de Oliveira*, de memórias e impressões como membro da delegação do Brasil à Conferência da Paz e como um dos secretários do Presidente Epitácio Pessoa em algumas visitas a países amigos. Trata-se de um magnífico conjunto de informações sobre eventos históricos e em que aparecem as maiores personalidades políticas daquela reunião, Clemenceau, Wilson, Lloyd George, Orlando, Brockdorff-Rantzau, Cecil Epitácio. As grandes questões ali discutidas também figuram nas páginas do livro. A questão do trabalho, em virtude do angustioso problema do proletariado, recebeu, por sua vez, apreciação. Os momentos mais altos ou significativos foram descritos, com o sentido de interpretação, pelo então jovem e já consagrado autor.

Outro livro que lançou à publicidade, no qual se ocupou de assuntos diplomáticos, foi *O Brasil em face do Prata*. Sobre ele se manifestou Argeu Guimarães no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Diplomacia, Política Externa e*

Direito Internacional. 6 “Desenvolve, nesse alentado volume várias questões internacionais: a campanha lapista, rebatendo erronias históricas cavilosamente difundidas por Juan O’Leary e Carlos Pereyra contra o Brasil; Manuel Galvez e a guerra do Paraguai, retificando outras tantas falsificações históricas; questões sul-americanas, estudando o conflito paraguaio-boliviano e as fronteiras do Brasil com aqueles países.” Mereceu referência também, logo após esse texto, a *História Militar do Brasil*, da lavra de Gustavo.

Nos volumes *Brasil, colônia de banqueiros* historiou os empréstimos, contraídos de 1824 a 1934, e o papel que, a respeito, a diplomacia desempenhou.

Das Missões oficiais recebidas da presidência da República daria notícia em *Portugal, semente de Impérios*, em que há páginas excelentes como “O Brasil em face do Prata”, de expressão diplomática e discursos proferidos como Delegado ou representante brasileiro, na parte IV do livro, sob a epígrafe geral de “As Palavras Ditas pelo Coração”.

Nos três tomos de *História Secreta do Brasil* as questões diplomáticas não estiveram ausentes.

Incumbido pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador João Neves da Fontoura, compôs a *História do Palácio Itamaraty*, minucioso e brilhante estudo sobre o tradicional edifício do Rio de Janeiro, antiga sede da chancelaria e palco de grandes decisões. O livro é um primor pela forma e pelo seu conteúdo, além de ser ricamente ilustrado, com fotografias do prédio, seus salões e objetos de adorno, e dos cidadãos preclaros que ali viveram e trabalharam pela Nação.

A atuação eventual, porém de alto nível, e os livros que produziu em decorrência das missões desempenhadas no exterior, em nome do nosso país, são títulos de glória do filho amantíssimo da Terra da Luz, que se chamou Gustavo Barroso, nobre pelo espírito e pelo acendrado amor à Pátria.

6 Guimarães, Argeu — Op. cit. — verbete Barroso, Gustavo.